

# PANCETTI

*Navegar é preciso...*

Apoio

**minalpa**

# PANCETTI

*Navegar é preciso...*

CURADORIA DENISE MATTAR

17 de outubro à 09 de dezembro de 2017



## PANCETTI

Navegar é preciso...

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:  
"Navegar é preciso; viver não é preciso".  
Quero para mim o espírito [d]esta frase,  
transformada a forma para a casar como eu sou:  
Viver não é necessário; o que é necessário é criar

Fernando Pessoa

Pancetti foi um pintor original, cujo temperamento solitário e formação quase autodidata favoreceram o nascimento de uma obra singular, repleta de lirismo, melancolia e poesia - uma obra que emociona. Nas palavras de Frederico Morais: "A pintura de Pancetti é como um convés de navio, curtida de sol e sal. Não enferruja. Honesta, limpa, econômica, direta, austera, quase seca, mesmo quando a cor se expande e o gesto abriga a emoção. Não há nele nem o supérfluo, nem o desperdício".

Pancetti quase não desenhava, fazia apenas alguns apontamentos a carvão antes de iniciar suas pinturas, e, não gostava de trabalhar no ateliê, preferia pintar ao ar livre; por isso, suas telas, são, na sua maioria, de dimensões modestas.

Giuseppe Gianinni Pancetti nasceu em Campinas em 1902, mudando-se com a família para São Paulo em 1912. Seu pai, Giovanni, era pedreiro e mestre de obras na Itália e viera para o Brasil, com a mulher Corinna, em busca de melhores oportunidades - que não se concretizaram. A família era extremamente pobre e vivia em condições precárias, comuns aos imigrantes. O processo de crescimento vertiginoso e caótico da cidade de São Paulo submetia a população comum a opressões e privações hoje inimagináveis. As jornadas de trabalho duravam 16 horas, dois terços das crianças morriam antes dos dois anos e a polícia aterrorizava a todos... Foi nesse ambiente carregado, e, pressionado por dificuldades financeiras que o pai de Pancetti, decidiu, em 1913, enviar à Itália os filhos Giuseppe e Ida, acompanhados do tio Casimiro, comerciante de mármore.

O jovem Giuseppe estudou em Massa-Carrara, entrando para a Marinha Mercante Italiana aos 16 anos. Por causa das consequências da I Guerra resolveu voltar ao Brasil, em 1921, e, no ano seguinte, foi admitido como grumete a bordo do navio *Paraná*. A infância difícil e as privações da adolescência deixaram marcas profundas na personalidade e na saúde de Pancetti, assim, o ingresso na Marinha Brasileira foi um alívio para as suas atribulações. Ao longo de toda a sua vida a predisposição à tuberculose, e o excesso de cigarros, obrigariam o artista a permanecer em repouso por longos períodos, situações nas quais sempre pode contar com a compreensão de seus superiores. Permaneceu na ativa até 1946 e, alcançou, já reformado, o posto de 1º Tenente. Tinha um enorme orgulho de ser marinheiro, e, seu amor era correspondido.

Na Marinha seu talento para o manejo com as tintas logo foi descoberto. “O comandante pediu-me que pintasse seu camarote, e o fiz com tanto esmero, que passei a gozar de consideração especial”, escreveu ele em seu diário. Nas horas vagas pintava postais e tampas de caixas de charutos, que trocava com os colegas por cigarros. Em 1929, o “moço das tintas” participou de um curso para auxiliar especialista no qual aprendeu a composição das tintas, os utensílios de pintura e o preparo de superfícies. Mas ele queria mais...

Em 1933 Pancetti foi enviado ao Rio de Janeiro para servir no Quartel do Corpo de Fuzileiros Navais e isso lhe deu a oportunidade de estudar no Núcleo Bernardelli. Fundado em 1931 o núcleo atuava como um ateliê livre, que se propunha moderno, e onde não havia professores, mas orientadores, e as mensalidades eram usadas para dividir os custos de manutenção. Entre seus integrantes estavam: Edson Motta, Joaquim Tenreiro, Quirino Campofiorito, Bruno Lechowsky e o jovem Milton Dacosta. O contato com seus pares, entretanto, não foi uma experiência agradável para Pancetti; os exercícios o aborreciam e as críticas mais ainda. Por isso, sua permanência, foi curta, mas teve consequências importantes e duradouras. Lá, conheceu Lechowski, o único que reconhecia como mestre, de quem absorveu, e desenvolveu, à sua maneira, a composição organizada por planos geométricos, assim como a sutileza do traço e a austeridade da cor. Também foi ele quem aconselhou o artista a não deixar seu emprego na Marinha, para não ter que comercializar a sua obra. Outro fato significativo, decorrente do estágio no Núcleo Bernardelli, foi que Pancetti passou a participar, com regularidade, do Salão Nacional de Belas Artes, integrando-se assim ao restrito circuito artístico da época, vindo a receber vários prêmios, inclusive o cobiçado Prêmio de Viagem ao Exterior, em 1941.

Pancetti pintaria por toda a sua vida, aumentando significativamente sua produção a partir de 1946, quando foi reformado da Marinha. O percurso estético do artista é marcado por uma progressiva geometrização, e pela importância que a cor vai ganhando sobre a forma, até tornar-se protagonista quase absoluta das composições. Entretanto, para acompanhar seu

trabalho, mais interessante do que dividi-lo em períodos cronológicos, é mostrar as questões subjacentes à sua obra: o ritmo do silêncio, o encanto do cotidiano, a emoção da cor e um lirismo agudo - quase dolorido. Elas permeiam toda a sua produção, realizada nos formatos clássicos: paisagem, retrato e natureza morta, que ele vai revestindo de acentos particulares e inesperados, incluindo a hibridação de gêneros. Acompanhar essa trajetória dentro de cada tema é o que propõe a exposição “Pancetti - Navegar é preciso”, revelando a delicada sobriedade e o denso encanto que caracterizam a obra do artista.

Pancetti sempre pintou aquilo que estava mais próximo dele, e, por isso, iniciou seu trabalho retratando barcos, arsenais e galpões da Marinha. Falando sobre essa fase Mário Pedrosa dizia que o artista era “uma máquina de ver, de ver, carinhosamente as coisas externas naturais, pois para marinheiros, barco, qualquer que seja, grande ou pequeno, é sempre obra da natureza, faz parte do mar, criador de tudo, das coisas e dos homens...”. Duas obras desse período, apresentadas na exposição, têm o título *Barcos Ancorados*. Datados de 1937 e 1938, são magníficos exemplos desse olhar amoroso que Pedrosa detecta. *Porto*, 1940 já tem influência de Lechowsky, assim como *Ilha das Enxadas*, 1940, um estudo para o trabalho *Oficinas*, que integra o acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Datada de 1941, com dimensões incomuns para os padrões do artista, *Ponta d’Areia*, está intitulada no verso como *O Morro e o Mar*, e também como concorrente ao Prêmio de Viagem ao Exterior, que afinal o artista recebeu pela paisagem urbana: *O Chão*.

O homem do mar parecia não se adaptar bem à cidade, e dessas primeiras paisagens urbanas de Pancetti desprende-se uma pungente sensação de desconforto, que só faz acrescentar força à sua pintura. As pessoas, quando retratadas, são pequenas, oprimidas entre casas e becos, enquanto que as ruas e quintais estão quase sempre vazios. Os trabalhos têm cores contidas e cezannianas reduções de formas. *Sem título*, s.d., *Morro*, 1940 e *Mangaratiba*, 1946, ilustram bem esse período. Reveste-se de caráter especial a obra *Praça Clóvis Bevilacqua*, 1949. Pintada das janelas do Palacete Santa Helena, a tela coloca em primeiro plano a igreja da praça, mas deixa ver ao fundo as inúmeras e tristes chaminés fumegantes das fábricas paulistanas. Noutra clave, mais doce, a nostalgia também parece permear a obra *São João del Rei*, 1945, cidade que Pancetti gostava, e que seria muitas vezes retratada por ele.

O mal-estar das cidades não se repetia no contato com a natureza, e nas muitas viagens de Pancetti pelo Brasil ele deixava-se impregnar totalmente pela luz de cada local, registrando as cores de maneira imediatamente reconhecível. *Paisagem suburbana*, 1935, é uma das primeiras obras do artista, e, se sua mão ainda é um tanto pesada, o olhar incomum já está lá. *Campos do Jordão*, 1944, sem título, 1949 e *O Bosque da Musa Obscura*, 1949, são paisagens de Campos do Jordão, retratando o frescor da serra

num dia de verão, o cinza invernal e a flamejante explosão do outono. *Arraial do Cabo*, 1948, é um trabalho incomum, mostrando uma vila pescadores. Nele o artista enquadra praia e barcos entre duas "vendas", mostrando a irresistível modorra, quase abandono, que toma as pessoas do local, sentadas entre galinhas que ciscam. *Em Paisagem*, 1952, Pancetti volta aos quintais e becos que sempre gostou de retratar, mas agora não há tristeza, apenas a intensidade da cor da Bahia.

Os retratos de Pancetti, são muito particulares. Neles o artista expande seu romantismo retratando a classe popular com a qual se identificava; são bons exemplos dessa faceta *sem título*, s.d. e *Retrato de Elza*, 1946. O artista era especialmente lírico ao pintar crianças, um tanto melancólicas e tristes, porém observadas com ternura, *Menino Bom*, 1945, é um trabalho excepcional que ilustra essa delicadeza. Já em seus autorretratos o artista arriscava arduamente, pintava todas as suas fantasias, investindo-se de diversas personalidades: marinheiro, pintor, pescador, almirante, bispo, dando a cada uma dessas personas diferentes densidades psicológicas. Na exposição três autorretratos, de 1936, 1944 e 1948, mostram Pancetti visto por ele mesmo, numa expressão mista de assombro e desconfiança. Segundo o crítico Antônio Gonçalves Filho: "O pintor se retratava com ar de agressividade, porque agressivo, a seu ver, era o mundo que o cercava e fazer-se agressivo foi a solução que encontrou para sobreviver". Vale observar que Pancetti circulava entre dois mundos bastante diversos, o cotidiano simples, do marinheiro, que o lembrava de sua origem humilde e o sofisticado mundo das artes plásticas no qual era incensado como gênio, num sucesso que inclusive tinha repercussão junto ao alto escalão da Marinha - uma dicotomia que potencializava seu temperamento dramático.

Muito singular em Pancetti é a presença humana junto ao mar representada na mostra, entre outras, por obras como *Paisagem marinha com barcos*, 1944, *Lenhadoras*, 1949, *Rio Vermelho*, 1952, *Marinha com Cabana*, 1953. São imagens que retratam o cotidiano humilde e árduo dos trabalhadores do mar, ou apenas pessoas que passeiam olhando para as águas. Mas que têm algo em comum, são pequenas, pintadas com pouquíssimos traços, e são simples e sem rostos, porque afinal o que importa é mesmo o mar...

As naturezas-mortas de Pancetti não têm paralelo na arte brasileira, ele hidridiza os gêneros tradicionais da pintura, integrando frutas, quadros, flores, mar e paisagem em cortes quase fotográficos, revelando ângulos surpreendentes de elementos banais do cotidiano. Seus primeiros trabalhos são realizados em notas baixas e sóbrias da escala cromática e sua composição é quase clássica. Aos poucos, porém, o artista ousa mais e mais, e, num tema que se adequa com perfeição à natureza estática de sua obra, produz verdadeiras obras primas, muito bem representadas na exposição. Entre elas os vangoghianos girassóis retratados na obra *Sem título*, s.d., 1940, a *Natureza Morta com flores, frutas e retrato*, 1941, *Campos do Jordão*, 1943. A partir dos anos 1950, vivendo na Bahia, a exuberância

do local se reflete em obras vibrantes como *Bahia*, 1952, *Mata São João*, 1951, culminando com a pintura *Da janela do meu atelier*, 1951, da série com a qual participou da 1ª Bienal de São Paulo.

As marinhas são a faceta mais conhecida do pintor, e sua paixão sempre foi o beijo entre o mar e a areia. O conjunto apresentado na exposição passa pelos registros densos do litoral sudeste, alcança o intenso cromatismo e a composição diagonal de período baiano, até alcançar a economia de elementos de sua produção final.

A partir de 1946, reformado da Marinha, Pancetti passa a se dedicar exclusivamente à pintura. Sem a rigidez da instituição a conter seu temperamento melancólico, ele entrega-se às paixões românticas e às bebedeiras, alternadas por momentos em que mergulha em sua inata solidão. Viaja muito pelo litoral, dando início a uma maneira inteiramente pessoal de registra-lo; como pode ser visto na obra *Itanhaém*, 1946. O artista, que já tinha o hábito de usar os versos de suas obras para fazer anotações e desenhos, intensifica essas marcações, e é através delas que descobrimos que a obra *Série Musa da Paz*, 1949, é uma marinha de Cabo Frio, pintada de memória, em Campos do Jordão: "num momento de saudade do mar". Carybé, com propriedade, dizia que Pancetti "tatuava" suas obras.

A mudança para a Bahia, na década de 1950, modificou a personalidade e a obra de Pancetti, a alegria tornou o artista mais doce, e ele explodiu em cores quentes e fortes. As marinhas tornaram-se intensas e plenas de luz, e seu amor pela cidade perpetuou a linda Salvador dos anos 1950 em obras como: *Oh! Bahia minha estrela, minha amada*, 1954, *Mar Grande*, 1954, *Itapoan*, 1956, *Farol da Barra*, 1954. A descoberta da Lagoa do Abaeté, com suas águas escuras, a areia branca e a festa colorida dos panos das lavadeiras, foi outro momento de encanto intenso para o artista, como relata Aloysio de Paula: "Sua luz se enriquece e adquire poder e intensidade como nunca ele a exibira. Tudo canta no Abaeté. Seus verdes são mais verdes, seus vermelhos mais vermelhos".

No mesmo período cria algumas obras poéticas como *Série Bahia*, 1952, com sua linha do horizonte tingida de rosa violáceo, ou *Série Bahia*, 1951, com seu céu carregado de tempestade. Já nesse último trabalho vemos Pancetti cedendo o protagonismo do mar para a areia, procedimento que exacerba em *Jangadas no Horizonte*, 1951, e *Série Bahia*, 1952.

Imbuído dessa vivência baiana Pancetti reside um período em Saquarema, onde produz obras excepcionais como *Igreja de Nossa Senhora de Nazaré*, 1955, *Sem título*, s.d., e, especialmente, *Saquarema*, 1955, na qual o artista atinge um nível de síntese da paisagem à beira do abstrato. Sobre esse momento de produção tão intensa, comenta Vera Pacheco Jordão: "Mesmo as paisagens que chegam a ser quase abstratas estão firmemente ancoradas numa realidade sensual. A passagem dos ocre para o

violeta da beira d'água é a expressão plástica de quem não só viu com os olhos, mas palpou com os pés, a areia quente, clara e solta, a areia úmida, pesada e baça, a areia molhada, pastosa, macia na superfície escura sobre a qual desliza a película brilhante da água. A paisagem de Pancetti é a projeção não só dessa experiência física, mas do sentimento”.

A produção intensa e os excessos do artista fazem recrudescer sua doença, sempre latente, e assim, em 1957, ele é obrigado a ir para o Rio de Janeiro para receber tratamento mais adequado. Foi internado no Hospital Central da Marinha, e apesar dos cuidados recebidos, faleceu no início de 1958.

Sem participar de movimentos e longe de se preocupar com uma brasilidade teórica, Pancetti retratou, como poucos, a nossa gente, a nossa luz e o nosso mar. Foi um artista intuitivo, austero e amoroso, para quem viver não era preciso, pois o necessário era criar.

Denise Mattar  
Curadora



## PANCETTI

Navigating is necessary...

Ancient navigators had a glorious phrase:  
"Navigating is necessary, living is not".  
I wish for myself the spirit of this phrase,  
Transformed to match who I am:  
Living is not necessary; creating is.

Fernando Pessoa

Pancetti was an original painter, whose solitary temperament and practically autodidactic education favored the birth of a unique *oeuvre*, filled with lyricism, melancholy and poetry - a deeply moving *oeuvre*. In the words of Frederico Morais: "Pancetti's painting is like a ship's deck, tanned by the sun and salt. It never rusts. Honest, clean, economic, direct, austere, almost dry, even when the color expands and the gesture harbors emotion. In it there is nothing superfluous or wasted."

Pancetti barely drew, he made only a few notes in coal before beginning his paintings, and, as he did not enjoy working in the atelier, he preferred to paint outdoors: thus, his canvasses are mostly modest in size.

Giuseppe Gianinni Pancetti was born in Campinas, in 1902, moving with his family to São Paulo, in 1912. His father, Giovanni, was a bricklayer and a construction supervisor in Italy and had come to Brazil, with his wife, Corinna, in search of better opportunities - which did not work out. The family was extremely poor and lived under precarious conditions, as was common for immigrants. The vertiginous and chaotic growth process of the city of São Paulo submitted the ordinary population to oppression and privations that are today unimaginable. Work shifts lasted 16 hours, two-thirds of the children died before they were two years old and the police terrorized everyone... It was in this charged atmosphere, and pressured by financial difficulties, that Pancetti's father decided, in 1913, to send his children Giuseppe and Ida to Italy, accompanied by their uncle Casimiro, a marble merchant.

Young Giuseppe studied in Massa-Carrara, joining the Italian Merchant Navy when he was 16 years old. As a result of the consequences of World War 1, he decided to return to Brazil in 1921, and the following year was admitted as a cabin boy on the *Paraná* vessel. His difficult childhood and the privations suffered during his adolescence left deep marks on Pancetti's personality and health. Thus, joining the Brazilian Navy was a solution to all his tribulations. Throughout his life, his predisposition to tuberculosis, and excessive cigarettes, would oblige the artist to take long periods of rest, and on these occasions he could always count on the understanding of his superiors. He remained in active duty until 1946, and after retirement advanced to the position of First Lieutenant. He was enormously proud of being a sailor, and this love was corresponded.

In the Navy, his talented use of paints was soon discovered. "The Commander asked me to paint his cabin, which I did with such dedication that I earned special consideration", he wrote in his diary. During his free time, he painted postcards and covers of cigar boxes, which he exchanged with his colleagues in return for cigarettes. In 1929, the "paint guy" participated in a course for specialist assistant where he learned about the composition of paints, painting utensils and surface preparation. But he wanted more...

In 1933, Pancetti was sent to Rio to serve at the Barracks of the Marine Corps and this granted him the opportunity to study at the Bernardelli Nucleus. Founded in 1931, the nucleus operated as a free atelier, which considered itself modern, and where there were no professors, only guidance counselors, and the monthly tuition was used to share maintenance costs. Among its participants were: Edson Motta, Joaquim Tenreiro, Quirino Campofiorito, Bruno Lechowsky and young Milton Dacosta. This contact with his peers, however, was not a pleasant experience for Pancetti; the exercises bored him and the criticism still more. Thus, his stay was short, but it had important and lasting consequences. There, he met Lechowski, the only one that he recognized as a master, from whom he absorbed and developed, in his own way, compositions organized by geometric planes, as well as subtle strokes and austere colors. It was also he who advised the artist not to leave his job in the Navy, so that he would not need to commercialize his work. Another significant fact, resulting from his stay at the Bernardelli Nucleus, was that Pancetti began to participate regularly in the National Salon of Fine Arts, thus joining the restricted artistic circuit of the time, where he received several awards, including the much coveted Prêmio de Viagem ao Exterior (Trip Abroad Award), in 1941.

Pancetti would paint throughout his lifetime, significantly increasing his production after 1946, when he retired from the Navy. The artist's aesthetical journey is marked by progressive geometrization and by the importance of color over form, until it becomes practically the main player in his compositions. However, in order to follow his trajectory, rather than

dividing it into chronological periods, it is more interesting to show the issues underlying his oeuvre: the rhythm of silence, the charm of daily life, the emotion of color and an acute - almost painful - lyricism. These permeate his entire production, which was produced in a classical form: landscapes, portraits and still-lives, which he endows with singular and unexpected accents, including the hybridization of genders. The proposal of this exhibition *Pancetti - Navegar é preciso* ("Navigating is necessary") is to follow this path within each theme, revealing the delicate sobriety and the dense charm that characterize the artist's work.

Pancetti always painted that which was closest to him, and, thus, he began his work depicting ships, arsenals and naval yards. Speaking about this phase, Mário Pedrosa said that the artist was "a seeing machine, seeing with affection the natural external things, since, for sailors, a boat, whether large or small, is always a work of nature, part of the sea, the creator of all, things and men...". Two works from this period, presented at this exhibition, have the same title *Barcos Ancorados* (Anchored Boats). Dated 1937 and 1938, they are magnificent examples of this loving gaze that Pedrosa detected. *Porto* (Port), 1940 is already influenced by Lechowsky, as is *Ilha das Enxadas* (Hoe Island), 1940, a study for his work *Oficinas* (Workshops), which belongs to the collection of the *Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro* (National Museum of Fine Arts of Rio de Janeiro). Dated 1941, and having unusual dimensions for the artist's standards, *Ponta d'Areia* (Sand Point), has written on its back the title *O Morro e o Mar* (The Hillside and the Sea), and this work also ran for the Trip Abroad Award, which the artist finally won for his urban landscape: *O Chão* (The Ground).

The seaman seemed not to adapt well to the city, and from these first urban landscapes painted by Pancetti we have a pungent sensation of discomfort that only increases the power of his painting. The people, when portrayed, are small, pressed between houses and alleys, while the roads and yards are always empty. These works possess subdued colors and Cezannian reduced forms. *Sem título* (Untitled), s.d., *Morro* (Hillside), 1940 and *Mangaratiba*, 1946, illustrate this period well. *Praça Clóvis Bevilacqua* (Clóvis Bevilacqua Square), 1949, contains a special feature. Painted from the window of the Palacete Santa Helena, the canvas places in the forefront the church on the square, while in the background can be seen the countless, sad and smoking chimneys of the factories in São Paulo. On another, sweeter, note nostalgia also seems to permeate his work in *São João del Rei*, 1945, the city that Pancetti admired and that would often be depicted by him.

His discomfort in cities was not repeated in his contact with nature, and during the many trips that Pancetti made around Brazil, he allowed himself to be completely filled with the light of each place, showing the colors in an immediately recognizable way. *Paisagem suburbana* (Suburban Landscape), 1935, is one of the artist's first works, and, if his hand is still

slightly heavy, his extraordinary eye is already there. *Campos do Jordão*, 1944, *sem título* (untitled), 1949 and *O Bosque da Musa Obscura* (The Woods of the Obscure Muse), 1949, are landscapes of Campos do Jordão, depicting the freshness of the mountains on a summer's day, the wintery grey and the flaming explosion of autumn. *Arraial do Cabo*, 1948, is an unusual work of art, which shows a fishing village. In it, the artist places the beach and the boats between two "stalls", showing the irresistible drowsiness, almost abandon, that overcomes the local people, sitting among the chickens as they scratch the ground. In *Paisagem* (Landscape), 1952, Pancetti returns to the yards and alleys that he always liked depicting, but now without any sadness, only the intense color of Bahia.

Pancetti's portraits are very peculiar. In them the artist expands his romanticism, portraying the ordinary people with whom he identified; some good examples of this facet are *Sem título* (untitled), s.d. and *Retrato de Elza* (Portrait of Elza), 1946. The artist was especially lyrical when painting children, somewhat melancholically and sad, but observed with tenderness. *Menino Bom* (Good Boy), 1945, is an exceptional work of art that illustrates this sensitivity. Meanwhile, in his self-portraits the artist was ardently daring, painting all his fantasies and investing himself with different personalities: sailor, fisherman, admiral, bishop, giving each of these personas different psychological densities. In this exhibition, three self-portraits from 1936, 1944 and 1948, show Pancetti as he saw himself, with expressions that mix dread and distrust. According to critic Antônio Gonçalves Filho: "The painter portrayed himself with an aggressive air, because, as he saw it, the world that surrounded him was aggressive, and making himself aggressive was the solution he found to survive". It is worthwhile observing that Pancetti circulated between two very different worlds, the simple everyday life of the sailor, which recalled his humble origin and the sophisticated world of the fine arts, where he was admired as a genius, with his success having repercussion in the high levels of the Navy - a dichotomy that strengthened his dramatic temperament.

Remarkable in Pancetti's work is the presence of humans by the sea, represented in the exhibition by, among others, works such as *Paisagem marinha com barcos* (Seascape with ships), 1944, *Lenhadoras* (Woodcutters), 1949, *Rio Vermelho* (Red River), 1952, *Marinha com Cabana* (Seascape with Cabin), 1953. These are images that depict the humble and difficult daily life of workers, or simply of people strolling and gazing at the water. But they have something in common, they are small, painted with only a few strokes, and are plain, without faces, because, after all, what matters is the sea...

Pancetti's still lifes are unparalleled in Brazilian art; he hybridizes the traditional genders of painting, joining fruits, pictures, flowers, the sea and landscapes with almost photographic cuts, revealing surprising angles of prosaic everyday elements. His first works are produced using dim and sober notes of the chromatic scale and their composition is almost classical.

Slowly, however, the artist becomes increasingly bold, producing real masterpieces that are very well represented in this exhibition. Among these, the Vangoghian sunflowers depicted in *Sem título* (untitled), s.d., 1940, *Natureza Morta com flores, frutas e retrato* (Still Life with flowers, fruit and portrait), 1941, and *Campos do Jordão*, 1943. As from the fifties, now living in Bahia, the exuberance of the place is reflected in vibrant works such as *Bahia*, 1952, and *Mata São João*, 1951, culminating in the painting *Da janela do meu atelier* (From the window of my atelier), 1951, from the series with which he participated in the First Biennial of São Paulo,

The seascapes are the artist's most known facet, and his passion was always for the sea kissing the sand. The set presented in this exhibition registers from the dense southeastern coast to the intense chromatic and diagonal composition of his period in Bahia, and then the economy of elements of his final production.

After retiring from the Navy, in 1946, Pancetti begins his exclusive dedication to painting. Without the discipline of the Navy to contain his melancholic temperament, he gives in to romantic passions and heavy drinking, alternated with moments in which he plunges into his innate loneliness. He frequently travels along the coast, depicting it in an entirely personal manner; as can be seen in his work *Itanhaém*, 1946. The artist, who had the habit of using the back of his pictures to make notes and drawings, intensifies these markings, and it is through them that we learn that the *série Musa da Paz* (Muse of Peace series), 1949, is a seascape of Cabo Frio, painted from memory, while he was in Campos do Jordão: "at a moment of longing for the sea". Carybé, with propriety, used to say that Pancetti "tattooed" his works of art.

The move to Bahia, in the decade of 1950, changed Pancetti's personality and his work, and happiness made the artist more mellow, as he exploded in warm, strong colors. His seascapes became intense and full of light, and his love for the city perpetuated that beautiful Salvador of the fifties in works such as: *Oh! Bahia minha estrela, minha amada* (Oh! Bahia my star, my love), 1954, *Mar Grande* (Big Sea), 1954, *Itapoan*, 1956, and *Farol da Barra* (Barra Lighthouse), 1954. The discovery of the Abaeté Lagoon, with its dark waters, white sands and the colored festival of cloths belonging to the washerwomen, was another moment of intense enchantment for the artist, as reported by Aloysio de Paula: "His light is enriched and acquires a power and intensity that he has never before shown. Everything sings in Abaeté. His greens are greener, his reds are redder".

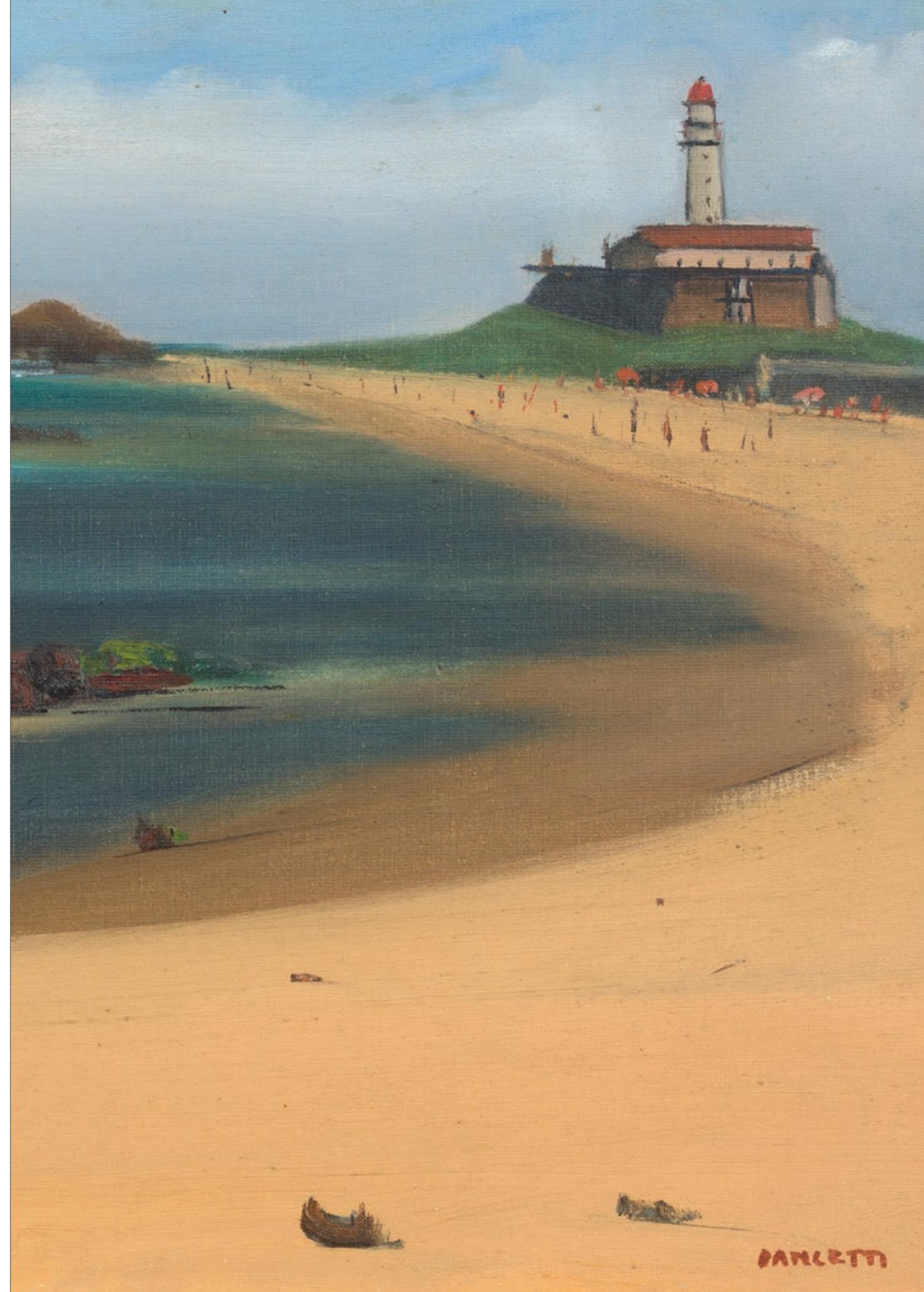
During this same period he creates some poetic works such as *Série Bahia* (Bahia series), 1952, with its violet-pink tinted horizon, or his *Série Bahia* (Bahia series), 1951, with heavy, stormy skies. In this later work we see Pancetti transferring the sea's central role to the sand, a procedure that is exacerbated in *Jangadas no Horizonte* (Boats on the Horizon), 1951, and *Série Bahia* (Bahia Series), 1952.

Inspired by his life in Bahia, Pancetti resides for a time in Saquarema, where he produces exceptional works such as *Igreja de Nossa Senhora de Nazaré* (Church of Our Lady of Nazareth), 1955, *Sem título* (untitled), s.d, and, especially, *Saquarema*, 1955, when the artist achieves a level of landscape synthesis that borders on the abstract. Regarding this moment of such intense production, Vera Pacheco Jordão states: "Even the landscapes that are almost abstract are firmly anchored in a sensual reality. The transition of ochre to violet on the edge of the seashore is the visual expression of one who not only saw with his eyes, but felt with his feet, the warm, clear and loose sand; the humid sand, heavy and dull; the wet sand, sticky and soft on the dark surface upon which the shiny film of water slides. Pancetti's landscape is a projection not only of this physical experience, but of sentiment".

The artist's intense production and his excesses caused his latent illness to be aggravated and thus, in 1957, he is obliged to travel to Rio de Janeiro to receive more adequate medical treatment. He was hospitalized in the Hospital Central da Marinha, but in spite of the care he received, he died at the beginning of 1958.

Without taking part in movements and removed from the concern regarding theoretical Brazilianism, Pancetti depicted, as few others, our people, our light and our sea. He was an intuitive, austere and loving artist, for whom living was not necessary, but creating was.

Denise Mattar  
Curator







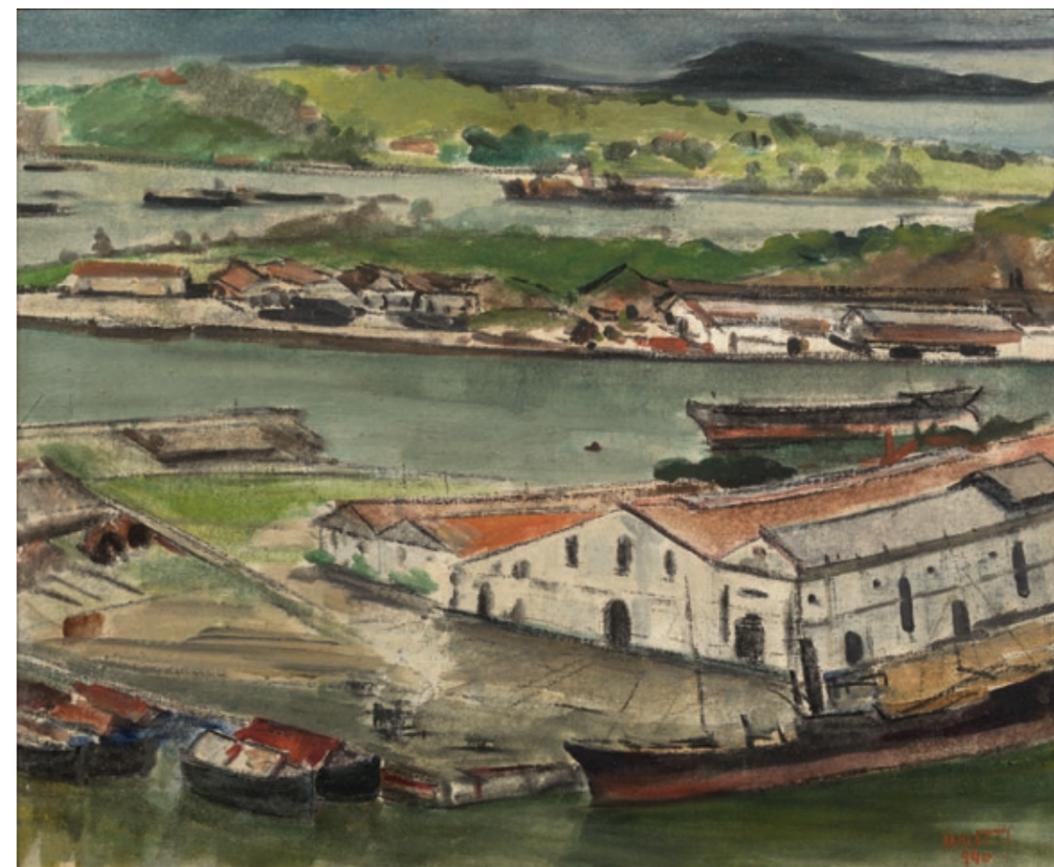
Barcos Ancorados, 1938  
Óleo sobre tela  
50 x 68 cm  
Coleção Luiz Carlos Ritter - Rio de Janeiro - RJ



Barcos Ancorados, 1937  
Óleo sobre tela  
72 x 87 cm  
Coleção Luiz Carlos Ritter - Rio de Janeiro - RJ

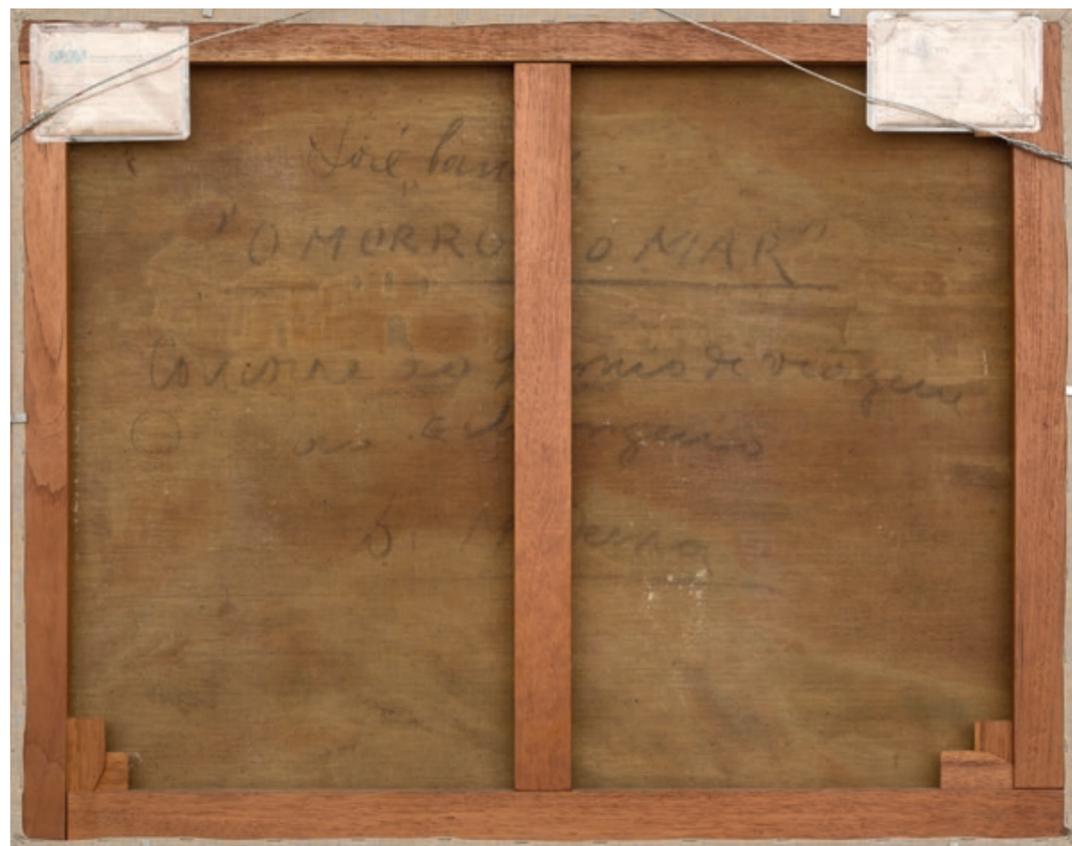


Porto, 1940  
Óleo sobre tela  
39 x 51 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Inscrição no verso: Primeiro croqui do lugar escolhido para meu quadro do Salão para concorrer ao premio de viagem. Pancetti. Niterói - abril - 1940

Ilha das Enxadas, 1940  
Óleo sobre tela  
47 x 58 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



José Pancetti  
"O Morro e o Mar"  
Concorre ao prêmio de viagem ao estrangeiro,  
D. Moderna

Etiquetas do MAM-RJ das exposições retros-  
pectivas de 1955 e 1962, na qual a obra já  
aparecia com o título "Ponta d'Areia".



Ponta d'Areia, 1941  
Óleo sobre tela  
75 x 95 cm  
Coleção Luiz Carlos Ritter - Rio de Janeiro - RJ



Sem título, s.d.  
Óleo sobre tela  
81,5 x 81,5 cm  
Coleção Orandi Momesso - São Paulo - SP



Morro, 1940  
Óleo sobre tela  
50 x 53 cm  
Coleção Particular - Fortaleza - CE



Mangaratiba, 1946  
Óleo sobre tela  
44,5 x 37,5 cm  
Coleção Particular - Salvador - BA



Praça Clóvis Bevilacqua, 1949  
Óleo sobre tela  
38,7 x 46,1 cm  
Coleção Orandi Momesso - São Paulo - SP



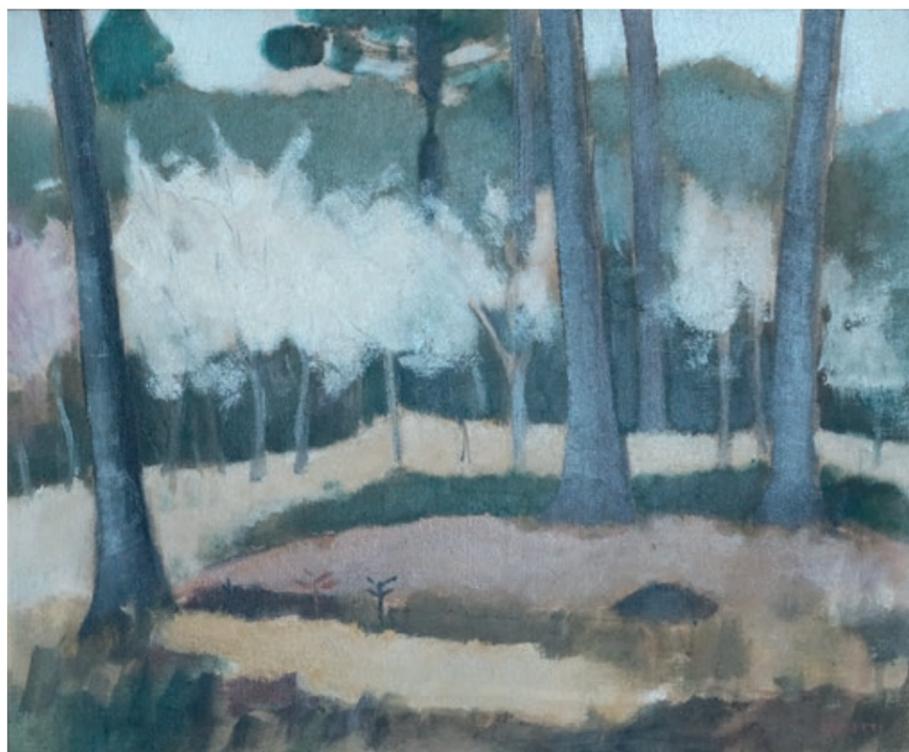
São João del Rei, rua de Santa Teresa, 1945  
Óleo sobre tela  
46 x 38 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Paisagem suburbana, 1935  
Óleo sobre tela  
70,5 x 95,5 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



O Bosque da Musa Obscura, 1949  
Óleo sobre tela  
45 x 36 cm  
Coleção Antônio Hermann D. M. de Azevedo - São Paulo - SP



Campos do Jordão, 1944  
Óleo sobre tela  
38 x 46 cm  
Coleção Particular - Fortaleza - CE



Sem título, 1949  
Óleo sobre tela  
45 x 53 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Arraial do Cabo  
5-7-48  
6-7-48  
J. Pancetti

Etiqueta de participação da exposição retrospectiva  
organizada pelo MAM - RJ em 1955.



Arraial do Cabo, 1948  
Óleo sobre tela  
50 x 73 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Para Trudy Zollinger Brandão no dia de seu aniversário com as felicitações da família Pancetti de Itapoan.  
20-3-953  
Bahia  
19-12-52  
J. Pancetti



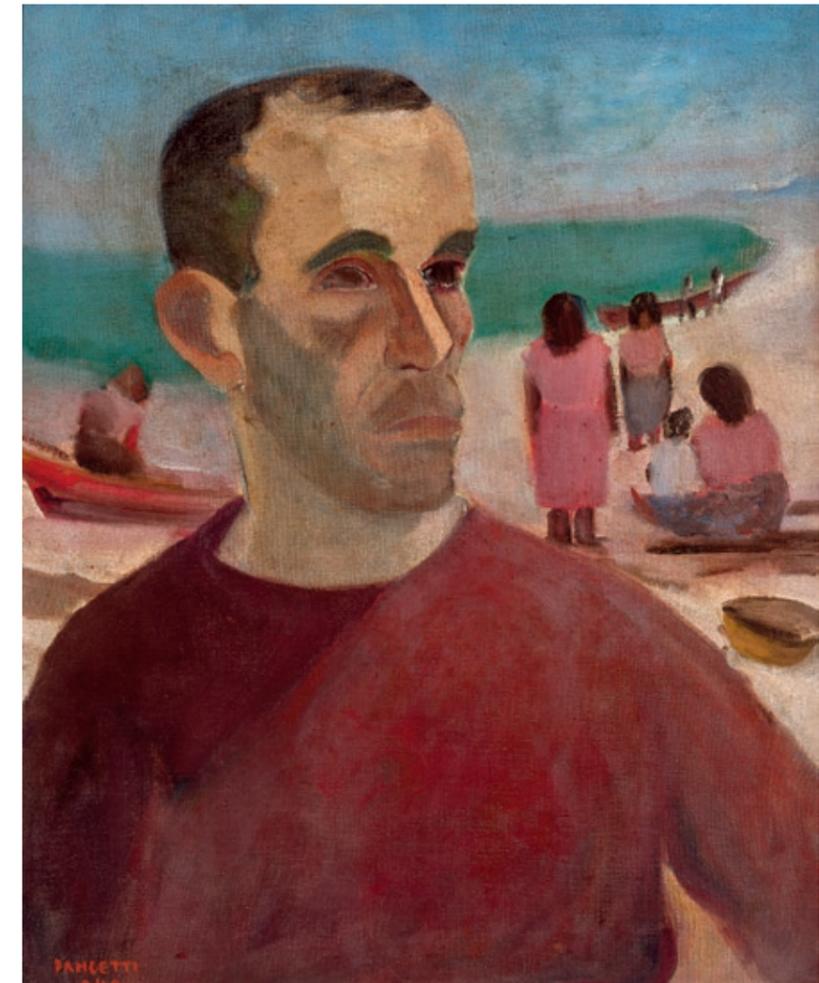
Paisagem, série Bahia, 1952  
Óleo sobre tela  
46 X 53 cm  
Coleção Paulo Kuczynski Escritório de Arte - São Paulo - SP



Autorretrato com chapéu, 1936  
Óleo sobre tela  
48 x 32 cm  
Coleção Luiz Carlos Ritter - Rio de Janeiro - RJ



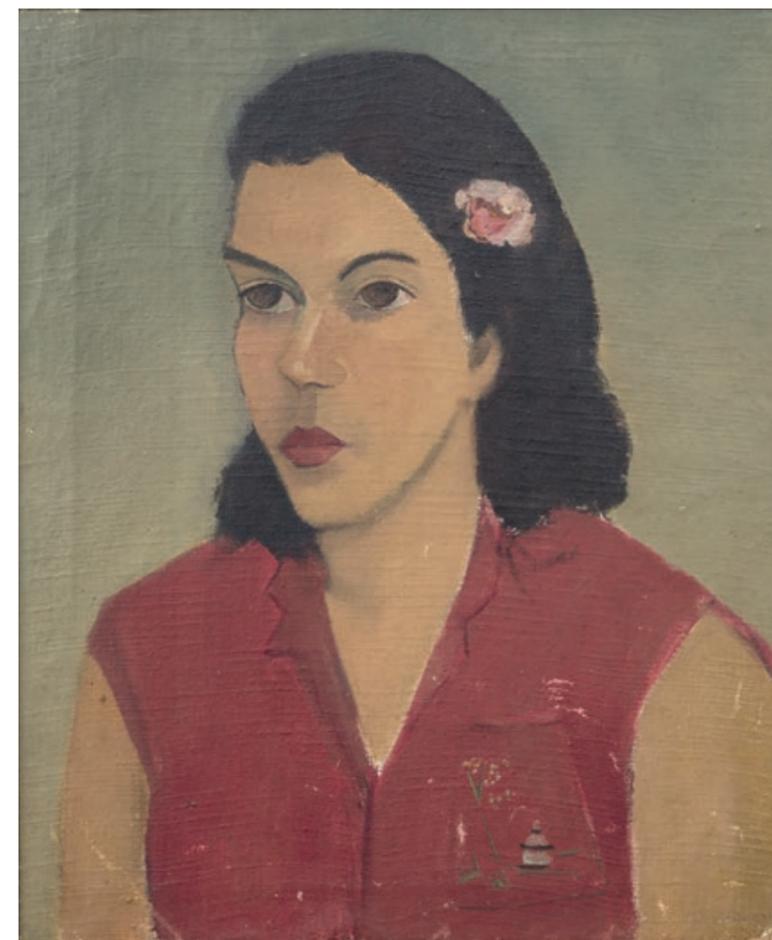
Autorretrato, 1944  
Óleo sobre tela  
78 x 58,5 cm  
Coleção Orandi Momesso - São Paulo - SP



Autorretrato, 1948  
Óleo sobre tela  
65 x 53,5 cm  
Coleção Instituto São Fernando - Rio de Janeiro - RJ



Sem título, s.d.  
Óleo sobre tela  
42 x 31 cm  
Coleção Orandi Momesso - São Paulo - SP



Retrato de Elza, 1946  
Óleo sobre tela  
46 x 38 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP

*Sua pintura foi sempre uma imagem de cores fundamentais, cara de gente, montanha, mar, vista através de uma percepção direta, primeira, quase de criança. Daí a frescura sem par de suas melhores telas. [Pacentti] Foi sempre uma máquina de ver, de ver carinhosamente (...)*

Mário Pedrosa, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14 jan 1958.



Menino Bom, 1945  
Óleo sobre tela  
65 X 55 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Marinha, Cabo Frio, 1946  
Óleo sobre tela  
51 x 71 cm  
Coleção Fundação Edson Queiroz - Fortaleza - CE



Lenhadoras, Arraial do Cabo, 1949  
Óleo sobre tela  
65 x 46 cm  
Coleção Particular - Salvador - BA



Paisagem Marinha com Barcos, 1944  
Óleo sobre tela  
39 x 47 cm  
Coleção Particular - Salvador - BA



Rio, 1956  
Óleo sobre tela  
38,5 x 45,5 cm  
Coleção Fernanda Feitosa e Heitor Martins - São Paulo - SP



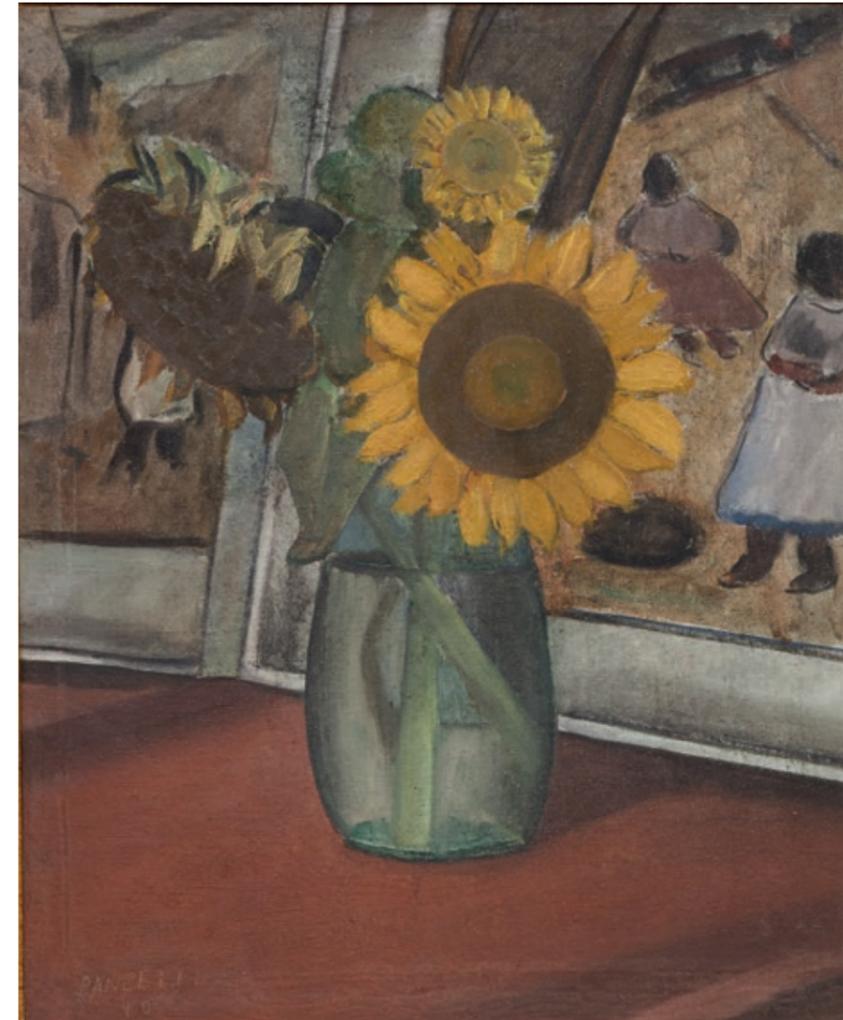
Marinha com Cabana, 1953  
Óleo sobre tela  
46 x 60,5 cm  
Coleção Fundação Edson Queiroz - Fortaleza - CE



Rio Vermelho, 1952  
Óleo sobre tela  
46 x 56 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Sem título, s.d.  
Óleo sobre tela  
45 x 54 cm  
Coleção Particular - Salvador - BA



Sem título, 1940  
Óleo sobre tela  
50,5 x 41 cm  
Coleção Breno Krasilchik - São Paulo - SP



Natureza Morta, 1943  
Óleo sobre tela  
38 x 46 cm  
Coleção Particular - Salvador - BA



Frutas, Campos do Jordão, 1943  
Óleo sobre tela  
38 x 46 cm  
Coleção Particular - Salvador - BA



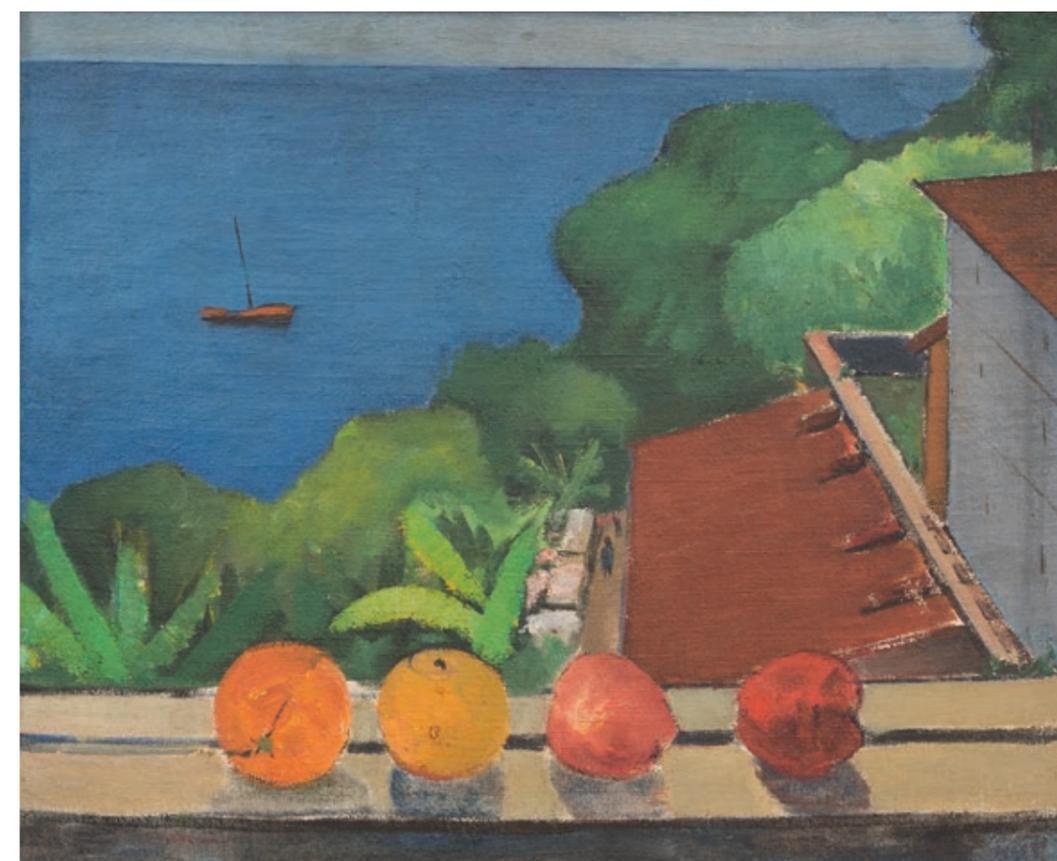
Campos do Jordão, 1943  
Óleo sobre tela  
35 x 45 cm  
Coleção Orandi Momesso - São Paulo - SP



Natureza Morta com Flores, Frutas e Retrato, 1941  
Óleo sobre tela  
53 x 47 cm  
Coleção Particular - Fortaleza - CE

*Parece que a eterna mobilidade da natureza foi superada em suas paisagens artificialmente estáticas, como se pretendesse uma aventura metafísica similar à que se propuseram alguns pintores novecentistas italianos.*

Jorge Romero Brest. *La pintura brasileña contemporânea*.  
Buenos Aires: Editorial Poseidon, 1945.



Da Janela do Meu Atelier, 1951  
Óleo sobre tela  
59,5 x 74 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Cocos, 1951  
Óleo sobre tela  
22 x 30 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Bahia, 1952  
Óleo sobre tela  
46 x 55 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Série Itapoan, 1953  
Óleo sobre tela  
35 x 28 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Série Mata São João, 1951  
Óleo sobre tela  
46 x 55 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



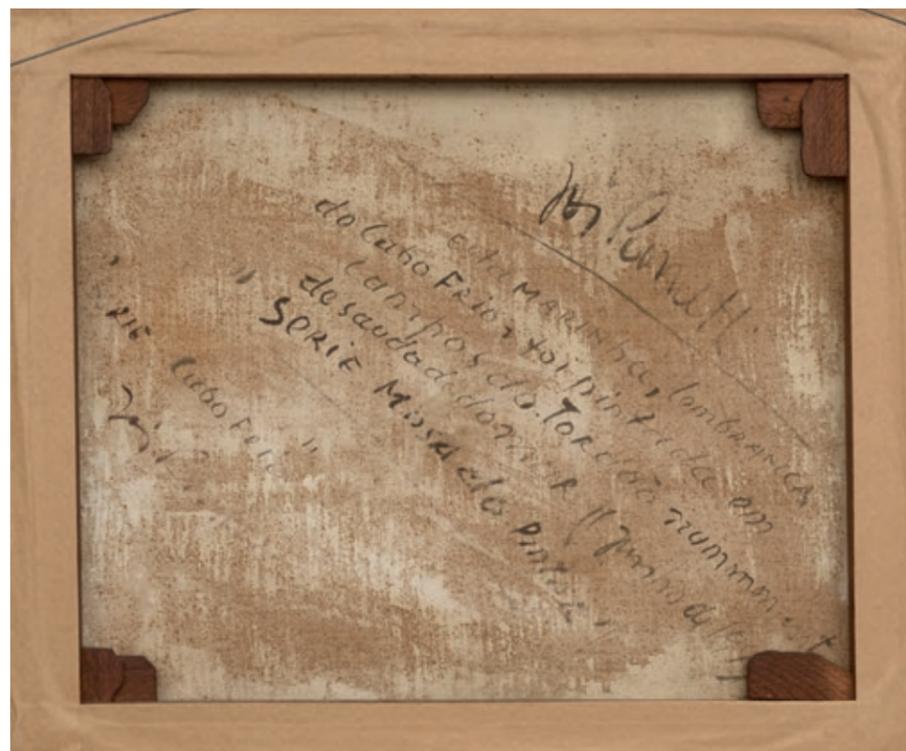
Mangas, 1953  
Óleo sobre tela  
27 x 36 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Bahia, 1952  
Óleo sobre tela  
38 x 55 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Itanhaém, 1946  
Óleo sobre tela  
38 x 46,4  
Coleção Sofia e Sérgio Fadel - Rio de Janeiro - RJ



Esta Marinha, lembrança de Cabo Frio, foi pintada em Campos do Jordão, num momento de saudade do mar (Junho de 1949). "série Musa do Pintor". "série Cabo Frio". José Pancetti.



Marinha, Cabo Frio, série Musa do Pintor, 1949  
Óleo sobre tela  
38,8 x 46,8 cm  
Coleção Particular - Fortaleza-CE



Sem título, 1954  
Óleo sobre tela  
27 x 36 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



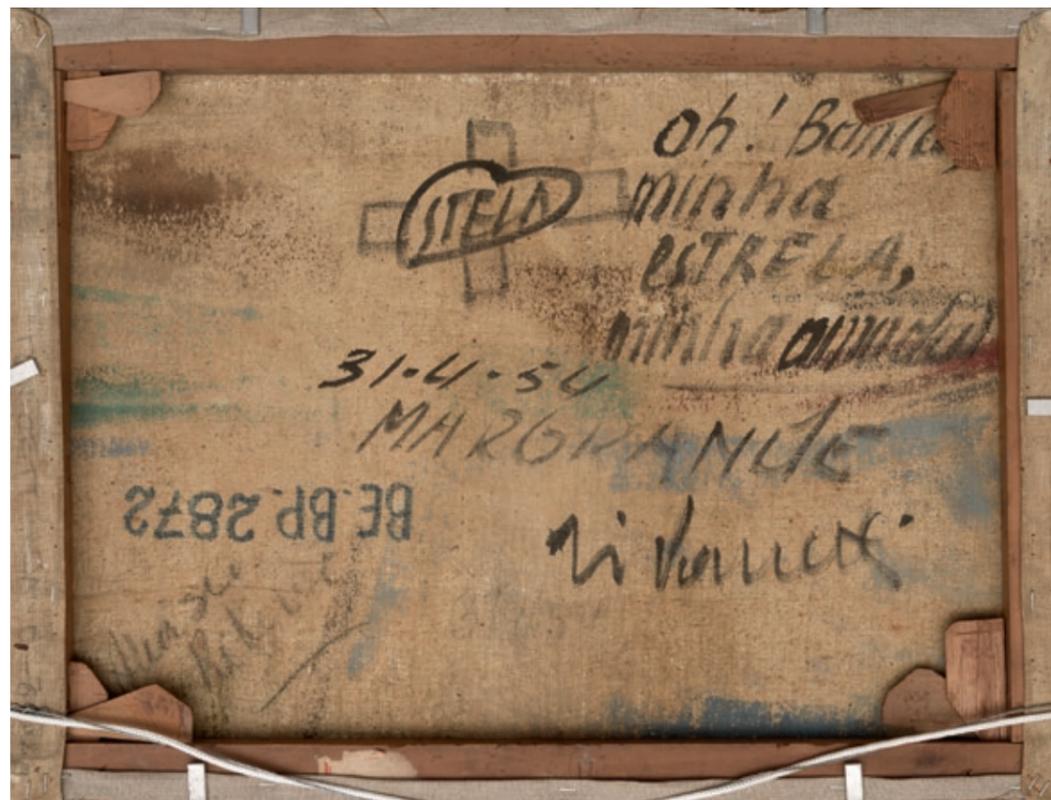
Bahia, série Itapoã, 1953  
Óleo sobre tela  
45 x 54,5 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Marinha, 1954  
Óleo sobre tela  
33 x 46 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Série Bahia, 1957  
Óleo sobre tela  
45 x 59 cm  
Coleção Particular - Salvador - BA



Stela  
Oh! Bahia, minha estrela, minha amada!  
31-4-54  
Mar Grande  
J. Pancetti



Mar Grande, 1954  
Óleo sobre tela  
46,5 x 61,5 cm  
Coleção Particular - Salvador - BA



Mar Grande, 1954  
Óleo sobre tela  
38 x 54,5 cm  
Coleção Particular - Salvador - BA



Itapoan, série Bahia, 1956  
Óleo sobre tela  
46 x 65 cm  
Coleção Particular - Salvador - BA



Itapoan  
Lagoa do Abaeté  
27-6-56  
J. Pancetti



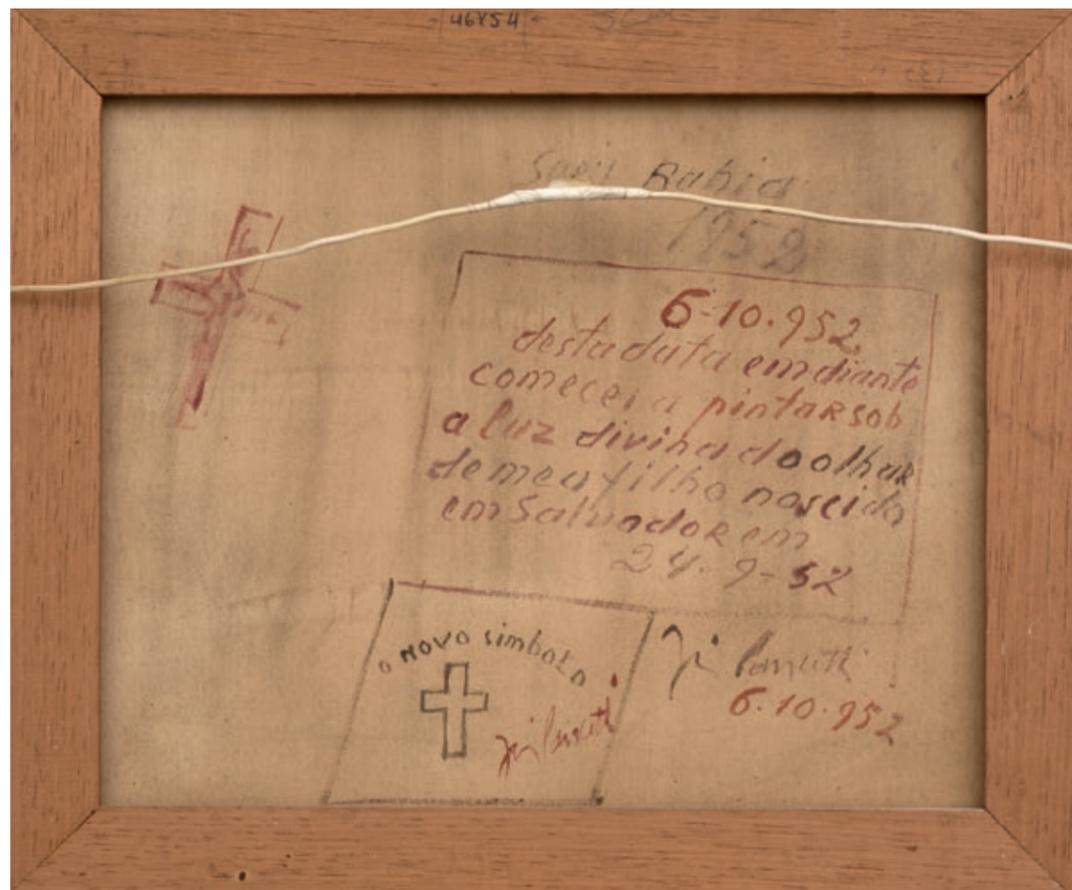
Lagoa do Abaeté, 1956  
Óleo sobre tela  
45 x 60 cm  
Coleção Instituto São Fernando - RJ



Abaeté, 1957  
Óleo sobre tela  
23 x 34 cm  
Coleção Particular - Fortaleza - CE



Lagoa do Abaeté, 1957  
Óleo sobre tela  
46 x 55 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Série Bahia, 1952  
6-10-952 Desta data em diante comecei a pintar sob a luz divina do olhar de meu filho nascido em Salvador em 24-9-52  
José Pancetti 6-10-952



Série Bahia, 1952  
Óleo sobre tela  
47 x 52 cm  
Coleção Particular - Salvador - BA

*Não se diga, porém, que Pancetti tenha sido apenas um pintor de marinhas. O mar o ensinou a ver as cores, captar a luz, despojar-se de tudo quanto fosse supérfluo. Ver o essencial para transmitir uma lição de beleza, e este pintor solitário da história das artes plásticas brasileiras assim aprendeu e assim transmitiu.*

Odorico Tavares, In: Leite, José Roberto Teixeira. *Pancetti o pintor marinho*.  
Rio de Janeiro: Fundação Conquista, 1979.



Igreja Nossa Senhora de Nazaré, 1955  
Óleo sobre tela  
46 x 56 cm  
Coleção Instituto São Fernando - RJ

*...Dentre as qualidades que fazem dele um grande pintor - um pintor-pintor (e não um artista que se serve da pintura como um instrumento: é uma nuance delicada, mas existe) - sem esquecer nem um pouco de seus dotes de excepcional colorista, a qualidade mais peculiar e inconfundível é a maneira pela qual organiza as imagens no espaço. (...) Tinha uma maneira precisa, inteligente e cortante de enquadrar a realidade, no mesmo sentido em que um fotógrafo ou um cineasta usariam este verbo. Às vezes nos dá a impressão de que carregava uma lente grande angular embutida no olho.*

Olívio Tavares de Araújo. *Pancetti um pintor, pintor.*  
São Paulo: Galeria de Arte do Brasil, 1997.



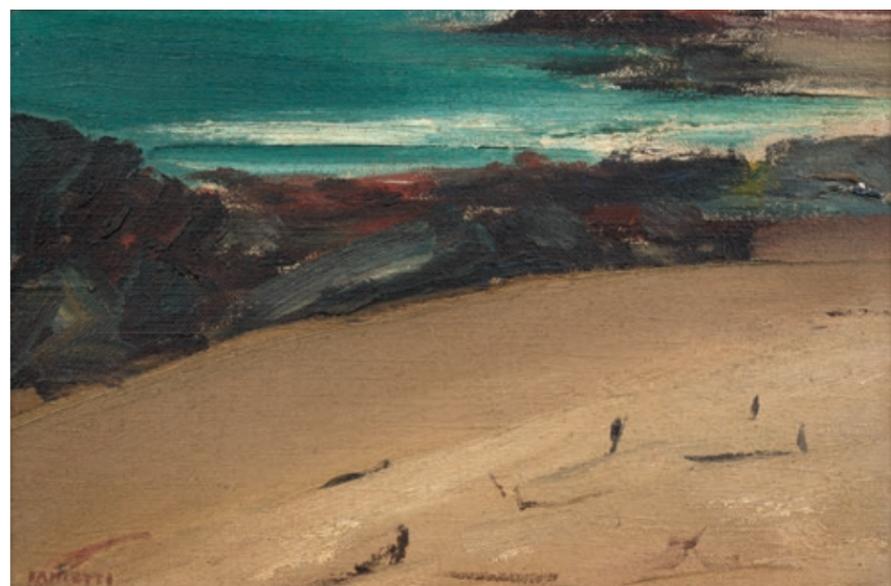
Farol da Barra 1954  
Óleo sobre tela  
38 x 55 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Marinha, série Bahia, déc. 1950  
Óleo sobre tela  
33 x 46 cm  
Coleção Particular - Salvador - BA



Marinha, 1952  
Óleo sobre tela  
37,5 x 56 cm  
Coleção Particular - Salvador - BA



Série Bahia, 1952  
Óleo sobre tela  
33 x 22 cm  
Coleção Fundação Edson Queiroz - Fortaleza - CE



Marinha, 1950  
Óleo sobre tela  
37,5 x 53,5 cm  
Coleção Particular - Salvador - BA



Sem título, s.d.  
Óleo sobre tela  
45 x 54 cm  
Coleção Particular - Salvador - BA



Saquarema, 1955  
Óleo sobre tela  
46 x 65 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Jangadas no Horizonte, 1951  
Óleo sobre tela  
46 X 55 cm  
Coleção Paulo Kuczynski Escritório de Arte - São Paulo - SP



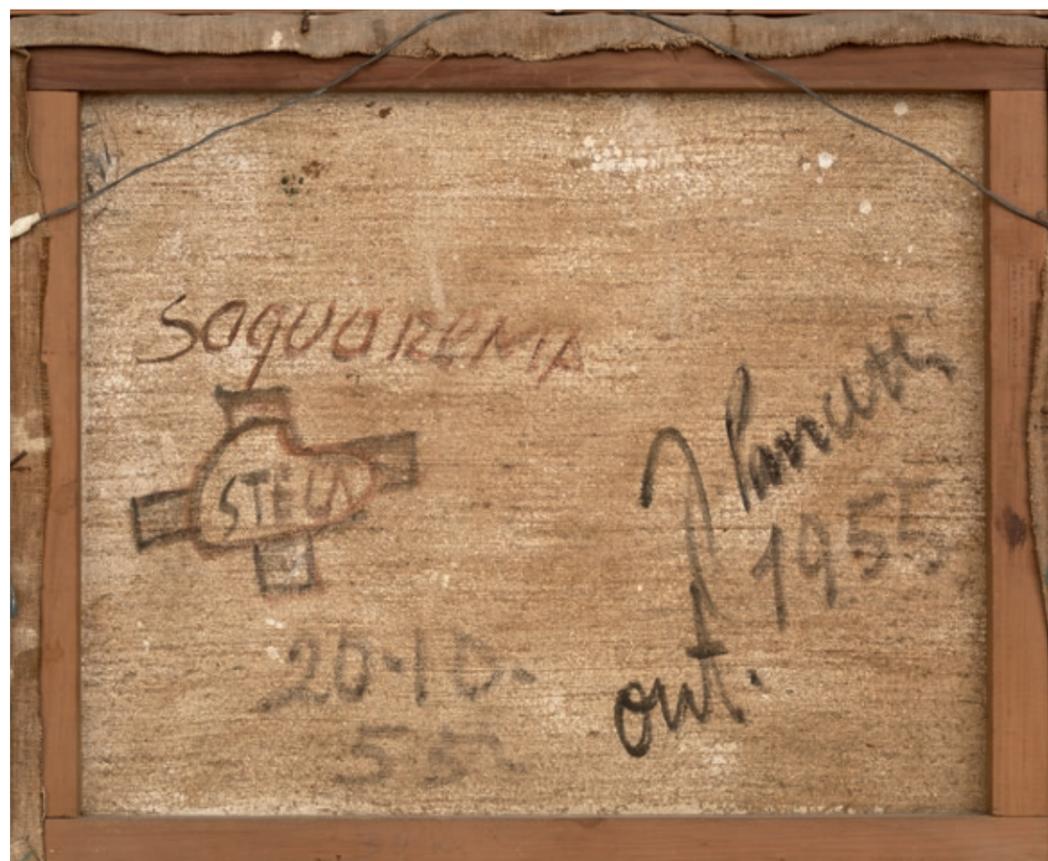
Série Bahia, 1952  
Óleo sobre tela  
46,5 x 65 cm  
Coleção Particular - Fortaleza - CE



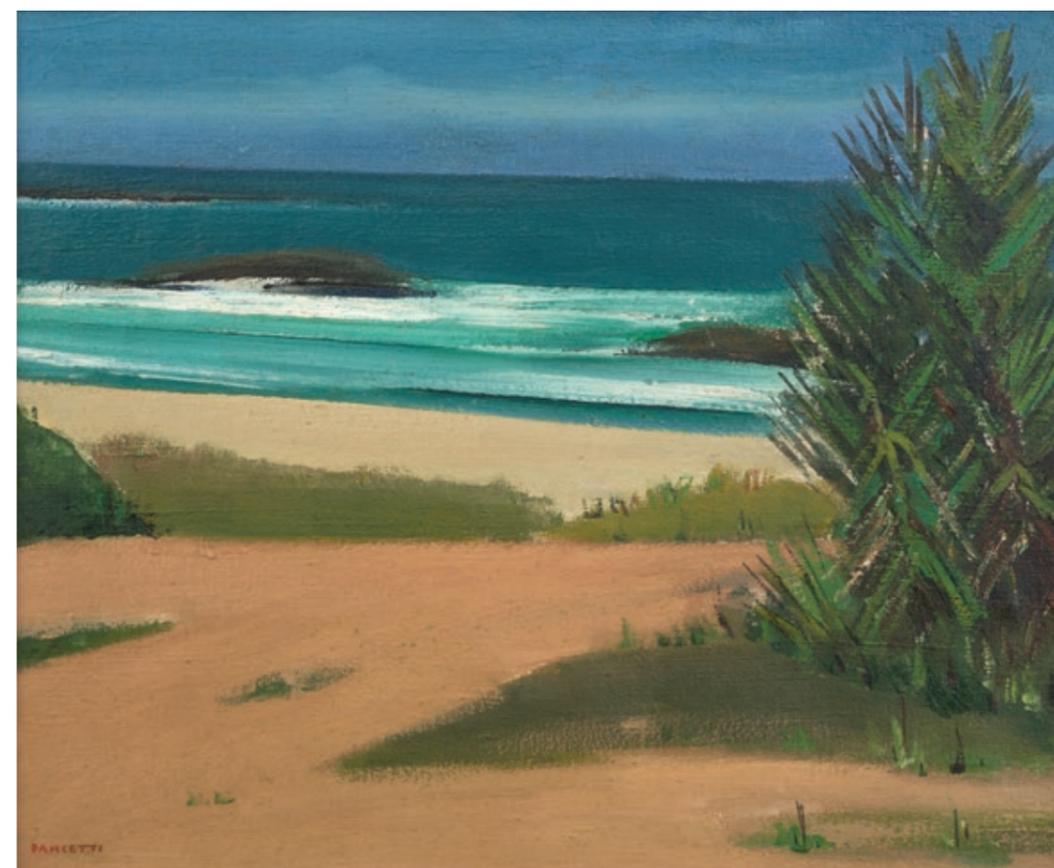
Saquarema, 1955  
Óleo sobre tela  
24 x 33 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Série Bahia, 1951  
Óleo sobre tela  
45 x 55 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP



Saquarema  
Stela  
20-10-55  
J. Pancetti  
out 1955



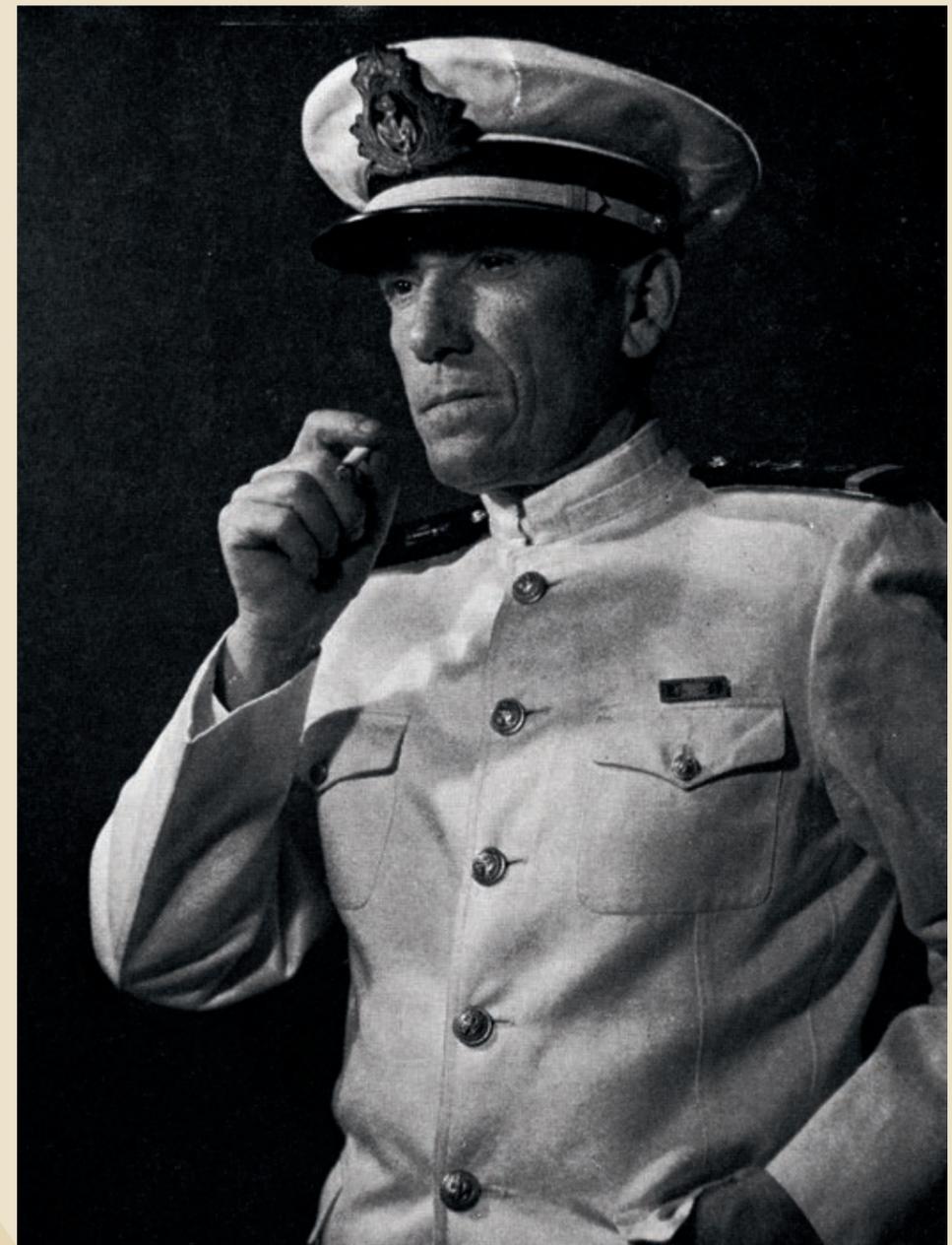
Saquarema, 1955  
Óleo sobre tela  
49,5 x 61 cm  
Coleção Particular - São Paulo - SP

## CRONOLOGIA

Formulada com base em LEITE, José Roberto Teixeira.  
*Pancetti: o pintor marinheiro*. Rio de Janeiro: Conquista, 1979.

## JOSÉ PANCETTI

(Campinas, SP, 1902 – Rio de Janeiro, RJ, 1958)



Pancetti em uniforme de gala, 1952.

1902

Filho de imigrantes italianos, Giuseppe Gianinni Pancetti, segundo seu registro civil, nasceu a 18 de junho, na localidade de Taquaral, em Campinas, São Paulo. O artista afirmava ter nascido em 1904. Por isso, na maior parte dos escritos sobre ele é encontrada essa data. Giovanni Pancetti, seu pai, era pedreiro, mestre-de-obras e músico e sua mãe Corina Giannini Pancetti era camponesa, ambos da Toscana; ele de Pietrassanta e ela de Covaia. Chegaram ao Brasil em fins do século XIX e se estabeleceram em Campinas. Desde cedo o próprio artista abraçou seu nome para José Pancetti.

1912

A família muda-se para a cidade de São Paulo, residindo no Brás. Giovanni Pancetti trabalha na construção do Teatro Municipal.

1913

Devido às dificuldades financeiras, o menino Giuseppe, com sua irmã Ida, é enviado para a Itália em companhia do tio Casimiro, escultor e comerciante de mármore. Lá estuda em um colégio Salesiano completando o curso primário e cursando até o 2º ano ginásial, fazendo jus a uma medalha de ouro por seus méritos como estudante.



Aos 11 anos em Massa-Carrara, Itália, 1913.



1917

Com a mobilização do tio para a guerra, o menino abandona os estudos e vai para Pietrassanta morar com o avô que quer fazer dele um camponês. Pancetti não se adapta à vida do campo; prefere o trabalho numa fábrica de material bélico ou o de marceneiro, numa oficina de caixões.

A família Pancetti, em Pietra Santa, Itália, 1917.

1918

Com fim da guerra, Pancetti aos 16 anos, embarca no veleiro *Maria Rosa*, da Marinha Mercante italiana e faz sua primeira viagem como *mozzo*, na rota Gênova - Norte da África. Alguns meses depois, foi admitido como *piccolo* no navio mercante italiano *Tommazo de Savoya* e nele viajou para o Brasil desembarcando em Santos.



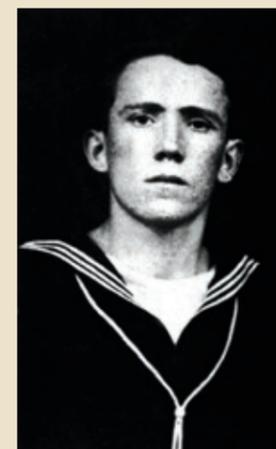
Matrícula da Capitania do Porto de Viareggio, c.1918.

1919/20

De volta a São Paulo, recomeça a luta pela sobrevivência, exercendo as mais diversas ocupações. Trabalha pela primeira vez como pintor na Oficina Beppe, especializada em decoração de pintura de paredes.

1921/22

Segue para o Rio de Janeiro e, depois de aguardar alguns meses, entra para a Marinha de Guerra, como grumete a bordo do *Paraná*.



Na Marinha de Guerra do Brasil como grumete, 1922.

1923

Recebe a divisa de marinheiro de segunda classe. No posto de cabo, Pancetti fica conhecido como o "Moço das Tintas", designação dada na Marinha ao encarregado de zelar pelo compartimento de tintas existente nos navios.

1925

A pintura já começava a entrar de outra maneira na vida de Pancetti; pintava marinhas em caixas de charutos e cartões-postais que trocava por cigarros com os companheiros.



Marinha, 1936, óleo sobre madeira, 21 x 24 cm, Coleção Particular, SP.

1926 / 28

Ingressa na Companhia de Especialistas de Convés, no Quadro de Pintor. Viaja para os Estados Unidos a bordo do *Bahia*. Vai para Filadélfia participar de Feira Comemorativa dos 150 anos da Independência. É promovido a cabo de esquadra.



A bordo do navio *Bahia*, 1926.

1929

Interna-se no Sanatório Naval de Nova Friburgo para tratar de tuberculose pulmonar. É promovido a 3º sargento.

1932

Como marinheiro, participa dos movimentos políticos de 1922, 1924, 1930, 1932 e, nesse ano, tem seu primeiro trabalho, uma marinha, publicado em *A Noite Ilustrada* de 5 de outubro, comentada num pequeno texto intitulado "Um Amador da Pintura".

Artigo de *Noite Ilustrada*, 1932.



Marinheiro, 1933, aquarela sobre papel, 32 x 21,8 cm, Coleção Gilberto Chateaubriand, MAM-RJ

1933

Já como 2º sargento, filia-se ao Nucleo Bernardelli, levado pelo pintor Giuseppe Gargaglioni e pelo escultor Paulo Mazzuchelli. Bruno Lechowski e Milton Dacosta são referidos por Pancetti como os membros do Núcleo que mais o ajudaram neste aprendizado inicial. Em pouco tempo rebela-se contra as aulas por considerá-las monótonas. Expõe pela primeira vez no Salão Nacional de Belas Artes, apresentando as obras: *Trecho da Cidade* e *Docas do Arsenal*.

1934

Viaja para a Inglaterra integrando a selecionada tripulação do navio escola *Almirante Saldanha*, em sua viagem inaugural. A 7 de julho, zarpa da Inglaterra, faz escalas em Cherbourg e Le Havre. Vai à Paris e visita os museus. O navio toca outros portos; Lisboa, Barcelona, Spezia. Volta à Itália depois de 12 anos. Vai a Florença e a Carrara, visita o Colégio Salesiano e revê amigos e parentes.



Navio *Almirante Saldanha*, 1934.

Durante a viagem de volta para o Brasil o Comandante, anuncia que o Sargento José Pancetti recebeu Menção Honrosa no Salão Nacional.

1935

Casa-se com Anita Caruso em 27 de abril. Concorre ao Salão Nacional de Belas Artes. Vende pela primeira vez um quadro, *Beira de cais*, por 200 mil réis, ao caricaturista Álvaro.



Anita Caruso e Pancetti, no dia de seu casamento, 1935.

1936 / 38

Participa do Salão Nacional de Belas Artes, com três obras: duas marinhas e *Navios em Reparo*. Conquista a Medalha de Bronze. É promovido a 1º sargento e recebe a Medalha de Bronze do Salão Paulista.

1939

Recebe a Medalha de Prata no Salão Nacional de Belas Artes com *Estudo*. Recebe sua última comissão na Marinha. Não mais voltaria à ativa; a saúde não lhe permitiria. O Museu Nacional de Belas Artes adquire o quadro *Oficinas*.



*O Chão*, 1941, óleo sobre tela, 61,5 x 81 cm, Coleção Museu Nacional de Belas Artes, RJ.

1942

É licenciado pela Marinha, viaja para Campos do Jordão, consegue alguma melhora, mas não se restabelece completamente. Impossibilitado de viajar para a Europa, em consequência da Segunda Guerra Mundial, Pancetti tencionava desfrutar seu prêmio nos Estados Unidos, mas devido ao seu estado de saúde, vê-se impedido de fazê-lo. Obtém, então, licença para converter seu prêmio de viagem em auxílio para tratamento de saúde. Nasce sua filha Nilma. Pinta, até 1949, nas cidades de São João del Rei, Campos do Jordão, Itanhaém e Mangaratiba.



*Arraial do Cabo*, 1948, óleo sobre tela, 50 x 73 cm, Coleção Particular, SP.

1941

O prêmio de viagem ao estrangeiro é conferido a José Pancetti. O Salão Nacional de Belas Artes, subdivide-se em Divisão Geral e Divisão Moderna, Pancetti foi o primeiro artista a ganhar o prêmio pela recém-inaugurada divisão, com a paisagem *O Chão*. Participa da mostra Arte Contemporânea do Hemisfério Ocidental, realizada no Museu Nacional de Belas Artes, com a obra *Capinzal*.



Na exposição Arte Contemporânea do Hemisfério Ocidental, MNBA, Rio de Janeiro, 1941.

1943

Participa da Exposição de Arte Brasileira em Londres, em homenagem a RAF - Royal Air Force. Expõe duas paisagens e um autorretrato, que é vendido.

1944

Participa da Exposição de Arte Moderna Brasileira da Prefeitura de Belo Horizonte, a convite de Guignard. Alguns artistas tiveram obras navalhadas pelo público.



Croqui de *Auto-vida*, 1945, nanquim sobre papel, 13 x 11 cm  
*Auto-vida*, 1945, óleo sobre tela, 65 x 54,5 cm  
Coleção Gilberto Chateaubriand, MAM-RJ.

1945

Faz sua primeira exposição individual no Instituto dos Arquitetos de São Paulo, apresentando 70 obras, entre paisagens, figuras e naturezas-mortas. A mostra é bem recebida pela crítica paulista. Participa da exposição itinerante *Arte del Brasil Moderno*, apresentada em Buenos Aires, e La Plata e Montevideú, organizada pelo escritor brasileiro Marques Rebello. Apresenta as obras *Ilha das Enxadas*, *Paisagem* e *Menina*.



*Ilha das Enxadas*, 1940, óleo sobre tela, 47 x 58 cm, Coleção Particular, SP.



Pancetti ao centro, em sua exposição no Instituto dos Arquitetos, São Paulo, 1945.

1946

É reformado na Marinha ao mesmo tempo em que é promovido a 2º tenente. Realiza exposição individual na Galeria Itapetininga, SP, com 60 trabalhos, na sua maioria paisagens de Itanhaém. Realiza sua primeira exposição individual no Rio de Janeiro na Galeria Montparnasse apresentando 30 obras.

1947

Recebe o Prêmio de Viagem pelo país no Salão Nacional de Belas Artes com a obra *Marinha*. Pinta Cabo Frio, Arraial do Cabo, Campos do Jordão, Mangaratiba, Campos do Jordão. Visita Salvador, a convite do jornalista Odorico Tavares.



*Marinha*, 1947, óleo sobre tela, 38,2 x 46 cm, Coleção Particular, SP.

1948

Recebe a Medalha de Ouro no Salão Nacional de Belas Artes, com a obra *Marinha*.

1949

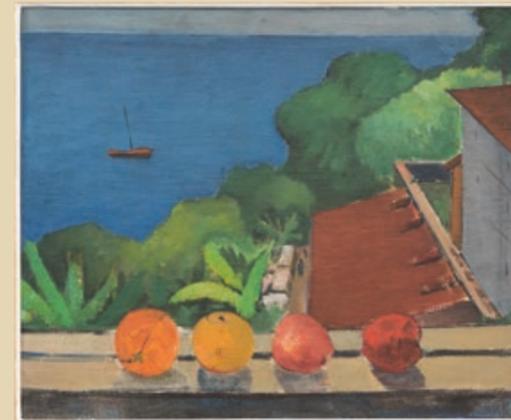
Recebe a Pequena Medalha de Prata no 5º Salão Paulista de Belas Artes com a obra *Praia em Cabo Frio*, e o Segundo Prêmio Governador de São Paulo com a mesma obra.



Pintando na Praia da Barra, Bahia, 1950 - Foto Pierre Verger.

1950

Muda-se para Salvador. Expõe no Sindicato dos Empregados no Comércio, em Recife com 50 obras. A maioria pertencente à Coleção Abelardo Rodrigues. Participa da 25ª Bienal de Veneza, com as obras: *Pântano*, *Itanhaém*, *Marinha* e *Paisagem*. Dessa Bienal também participaram os artistas brasileiros: Volpi, Bruno Giorgi, Portinari, Cícero Dias, Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Lívio Abramo, Milton Dacosta, Goeldi, Burle Marx e Victor Brecheret.



*Da Janela do Meu Atelier*, Bahia, 1951, óleo sobre tela, 59,5 x 73, 8 cm, Coleção Particular, SP.

1951

Participa da 1ª Bienal Internacional de São Paulo, com as obras: *Marinha*, *Brejo* e *Da Janela do Meu Atelier*, s.d.

1952

Realiza exposição em Salvador na Galeria Oxumaré apresentando 42 obras. Nasce seu filho Luiz Carlos. É promovido a primeiro-tenente.

1954

Recebe a Medalha de Ouro no Salão Baiano por sua participação com as obras *Praia de Itapuã* e *Marinha com coqueiros*.



Pancetti com seus filhos Nilma e Luiz Carlos, 1954.



Pancetti e sua mãe Corinna, 1954.

## 1955

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro realiza exposição individual do artista. São apresentadas 52 obras, datadas de 1936 a 1952. Participa da 3ª Bienal de São Paulo com as obras: *Autorretrato Cinza*, 1939, *Homem Louco*, 1940, *Marinha na Bahia*, 1950 e *Autorretrato*, 1954.



Mario Cravo Jr, Dacosta, Goeldi, Maria Leontina, Mark Berkowitz, Pancetti e seu filho Luiz Carlos, c. 1955.



Pancetti com Portinari, na exposição do MAM, Rio de Janeiro, 1955.

## 1957

Em carta datada de 3 de outubro dirigida a Anita, sua mulher, diz-se muito comovido com a visita do crítico francês Jacques Lassaigne, que elogia sua obra. Revela também, com grande orgulho, a intenção do governo de conferir-lhe o título de Cidadão Baiano. Enfermo, transfere-se em novembro de Salvador para o Rio de Janeiro. Em seu diário, no dia 16 de outubro, descreve a saída de Salvador :

*Na estrada, desde o Farol da Barra até Itapuã eu fiquei a olhar a praia e os coqueiros, as canoas dos pescadores e suas redes estendidas sobre as brancas areias que iam ficando. Um turista que vinha na frente do carro, com cara de norte-americano, batia fotografias do verde mar. Atrás dele um homem chorava por não poder mais interpretar aquelas deslumbrantes cores daquele mar tão familiar.*



*Mar Grande*, 1954, óleo sobre tela, 38 x 54,5 cm, Coleção Particular, BA.

Em 25 de novembro, já no Hospital Central da Marinha, anota:

*Quando fiquei só, olhei pela janela o mar. O Pão de Açúcar. A linha do horizonte. O aeroporto Santos Dumont, o Mercado. O entreposto do peixe. As barcas iam e vinham. Vi o Arsenal fumegando. Vi os estaleiros, o mar cinza, cor de chumbo. Suspirei fundo. Não sei se foi saudade dos meus velhos tempos de marinheiro ou a impossibilidade de não poder empunhar a palheta e pincéis e dar amor à paisagem.*

Recebe o título de Cidadão de Salvador em 26 de dezembro de 1957.



Diploma de Cidadão da Cidade de Salvador, 1957.

## 1958

Falece a 10 de fevereiro no Hospital Central da Marinha no Rio de Janeiro. Na manhã de 11 de fevereiro, foi enterrado no Cemitério São João Batista. Além da família, estavam presentes seus amigos e admiradores: almirante Amorim do Vale, governador Antônio Balbino da Bahia, embaixador Maurício Nabuco, jornalista Roberto Marinho, Gilberto Chateaubriand, Milton Dacosta, Maria Leontina e outros. O poeta Augusto Frederico Schmidt, saudou o pintor em emocionada despedida.

Realização  
GALERIA DE ARTE ALMEIDA E DALE

**Diretoria**

Ana Dale  
Antônio Almeida  
Carlos Dale Jr.

**Curadoria**

Denise Mattar

**Assistente de curadoria**

Rachel Vallego

**Produção executiva**

Mônica Tachotte  
Amanda Alencar

**Design gráfico**

Virgílio Neto

**Projeto expográfico e iluminação**

Guilherme Isnard

**Conservação e Museologia**

Paula Curado - RJ  
Bernadette Ferreira - SP  
Lucy Barros - SP

**Assessoria de imprensa**

A4 & Holofote Comunicação

**Fotografia**

Andrew Kemp  
Jaime Acioli  
Sergio Guerini

**Montagem**

Carlos Rodrigues - Lula  
Edvaldo Fernandes - Magrão  
Zurc Produções

**Equipe**

Eunice Maria Jesus  
Maria do Socorro dos Santos Macedo  
Miriam Cristina Vieira Lemes  
Ricardo Oliveira

**Versão para inglês**

Mônica Mills

**Transporte**

Millenium

**Seguro**

Foco Arte - AXA Art Insurance / AXA Corporate  
Solutions Seguros S/A

**Impressão**

Ipsis

**Agradecimentos**

Acácio Lisboa  
Alexandre Santos Silva  
Alfredo e Maria Angela Rizkallah  
Antônio Hermann  
Arnaldo Landi  
Breno Krasilchik  
Cica Lima  
Edson Queiroz Neto  
Emerson Leão  
Emilio Odebrecht  
Fabio Cimino  
Fernanda Feitosa  
Fundação Edson Queiroz  
Heitor Martins  
Igor Queiroz  
Instituto São Fernando  
João Carlos Condé  
João Roberto Teixeira  
Jones Bergamin  
Lenise Queiroz Rocha  
Lucas Cimino  
Luiz Carlos Ritter

Luciano Momesso  
Luísa Kolarevic  
Márcia Odebrecht  
Marcos Ribeiro Simon  
Max Perlingeiro  
Meyer Joseph Nigri  
Orandi Momesso  
Patrícia Queiroz de Castro  
Paula e Silvio Frota  
Paulo Darzé  
Paulo Kuczynski  
Randal Pompeu  
Raquel Paternostro  
Renato Magalhães Gouvêa Jr.  
Roberto Oliva  
Ronaldo Cezar Coelho  
Sofia e Sérgio Fadel  
Thiago Braga  
Vera Novis  
Zeev Horovitz

**ALMEIDA E DALE GALERIA DE ARTE**

Rua Caconde, 152. Jardim Paulista. São Paulo - SP. 01425-010.

(11) 3882 7120 | [galleria@almeidaedale.com.br](mailto:galleria@almeidaedale.com.br) | [www.almeidaedale.com.br](http://www.almeidaedale.com.br)

Esta obra foi produzida por Edições Almeida e Dale em outubro de 2017, composta com as fontes Abel e Avenir Next e impressa pela IPSIS em ofsete sobre papel Couchê 170 g/m<sup>2</sup> da Suzano na tiragem de 1.000 exemplares.